

Sony VPL-VW90ES

O 3D em grande ecrã!



Desde que o filme Avatar se estreou no cinema que o 3D assumiu uma dimensão diferente, sendo muitos os que, como eu, ficaram ansiosos por desfrutar em sua casa de emoções muito semelhantes às que tinha sido possível experimentar no cinema.

Por enquanto isso não é fácil, já que até há muito pouco tempo a Panasonic tinha o exclusivo da comercialização da versão Blu-ray em 3D deste filme, o que significa que só quem adquirisse um ecrã plano desta marca teria a possibilidade de o visionar em 3D. Mas este não é o único filme 3D com grande qualidade e foi mais que natural que diversos fabricantes, um dos quais a Sony, se abalançassem a lançar no mercado projectores que finalmente permitiam ver imagens em 3D com dimensões bem superiores mesmo às dos ecrãs planos mais avantajados.

E eis aqui então uma proposta que pretende levar o 3D em grande ecrã até casa de muitos dos videófilos que há algum tempo esperavam pela possibilidade de verem os seus filmes 3D preferidos com um realce que finalmente os fizesse sentir que estavam no cinema. O VPL-VW90ES é o digno sucessor dos muito premiados projectores da Sony, tais como o VPL-VW20, o VPL-VW100 e, acima de tudo, o espantoso VPL-VW200, em meu entender o melhor projector que a Sony fabricou até agora.

Descrição técnica

Exteriormente o VW90 é muito parecido com outras propostas recentes da marca, tais como o VW60, numa caixa mais

curvilínea que a do VW100 e do VW200. Novamente seguindo uma tradição de há algum tempo por parte da Sony, os conectores, incluindo a ficha IEC de ligação ao sector, estão situados na zona lateral, neste caso do lado direito. Estão previstas quase todas as possibilidades em termos de sinais de vídeo, tais como duas entradas HDMI, uma VGA para computador, vídeo por componentes e vídeo composto. No que se refere a conectores para controlo, destacam-se a entrada de *trigger*, a RS-232, para controlo externo, bem como uma outra para um receptor IR e ainda, como seria de esperar neste tipo de projector, um conector para o envio de sincronismo 3D para um emissor externo. Normalmente o sinal de sin-

cronismo é emitido a partir de um conjunto de díodos de infravermelhos montados em torno da lente principal. De acordo com a minha experiência, a intensidade do sinal emitido por estes díodos é suficiente para permitir que os óculos funcionem correctamente em qualquer ponto de uma sala de dimensões normais, sem necessidade de qualquer reforço de sinal.

A Sony especifica que esta tecnologia funciona perfeitamente para distâncias ao ecrã de até 4... 5 metros, o que é suficiente para a maioria das instalações. No entanto, em casos extremos, pode recorrer-se a um emissor externo de IR, vendido como acessório.



Interessante (e útil) mesmo é a existência de duas portas motorizadas que cobrem totalmente a objectiva quando o projector está desligado, o que protege esta parte sensível da ameaça de fumos e poeiras. O receptor de IR tem sensores colocados na parte frontal e na traseira, o que facilita a instalação, embora eu pense que a maioria dos compradores de um equipamento deste tipo o vão instalar no tecto. A lente que equipa de origem este projector tem uma capacidade de *zoom* motorizado de 1,6 vezes (com um valor de *f* que pode ir desde 18,5 a 29,6 mm), permitindo a obtenção de imagens com diagonais desde cerca de um metro a até 7,5 metros.

No que se refere a tecnologia, o VW90 está equipado com três painéis SXRD, uma tecnologia fortemente apoiada pela Sony e utilizada em exclusivo em todas as suas propostas de projectores para cinema em casa. A resolução individual destes painéis é de 1920 por 1080 pixel (Full HD) e a frequência vertical máxima a que eles podem funcionar é de 240 Hz, o que permite que cada um dos sinais 3D possa funcionar a 120 Hz, algo que minimiza

eventuais cintilações e permite obter imagens de grande fluidez. A lâmpada é do tipo UHP e tem uma potência de 200 W, permitindo obter uma intensidade luminosa de 1000 lúmen no ecrã para o modo de funcionamento 2D. A relação de contraste é de 150.000:1, com controlo dinâmico de abertura da íris.

O processamento de vídeo BRAVIA Engine 2 tem uma resolução de 10 bit e a compensação de movimento recorre à tecnologia Motionflow «240 Hz Motion Drive» com inserção de quadros em negro para maior fluidez. Outras capacidades interessantes deste processamento de vídeo patenteado pela Sony são o ARC-F (focagem nítida em toda a gama), função de alinhamento dos painéis com uma precisão de 0,1 pixel, modo de *zoom* anamórfico para formatos cinematográficos de 21:9, processamento de cor RCP (Real Colour Processing) e muitas mais que seria fastidioso descrever em pormenor. Não posso, no entanto, deixar de salientar que existe a possibilidade de escolher entre 10 valores pré-memorizados de gama, complementada com a capacidade de ajuste em

mais ou menos três pontos em cada extremo da curva de gama. Tal como é habitual na maioria dos projectores da Sony, o VW90 aceita uma grande variedade de sinais de entrada, nada menos de 41, estando as características de cada um deles integradas numa tabela de modo a que, sempre que é detectado na entrada um sinal com características constantes nessa tabela, o projector comuta imediatamente para o modo de funcionamento correspondente a esse sinal, ajustando parâmetros tais como dimensão vertical, dimensão horizontal, área do ecrã, fase, *overscan*, etc. Muito importante ainda, num momento em que não abundam os originais 3D, é o facto de o VW90 incorporar um conversor interno de 2D para 3D. E olhem que esta não é uma afirmação gratuita, já que muitos dos assim chamados «originais 3D» não são mais do que filmes produzidos em 2D que foram convertidos em estúdio para 3D e em muitos casos não têm a qualidade suficiente. Para facilitar as primeiras utilizações em família, o VPL-VW90ES vem acompanhado por dois pares de óculos activos, tendo sido estes os utilizados durante os testes. Esperamos



todos que dentro em breve apareçam no mercado os prometidos óculos universais que possibilitam compatibilizar o visionamento de imagens 3D com qualquer tipo de equipamento de apresentação, o que facilitará a vida a todos os apaixonados pelo formato.

O controlo remoto é muito semelhante aos dos mais recentes projectores da Sony, com acesso directo a seis modos de ajuste de imagem, bem como teclas directas para ajuste de gama, nível de negro, controlo da íris, ajustes de brilho, contraste e nitidez/recorte. Existe ainda um conjunto de teclas específicas para controlar um leitor de BD da Sony e, uma vez mais, temos apenas uma tecla para escolher uma entrada específica, sendo necessário pressionar essa tecla por diversas vezes até se seleccionar um dado sinal de entrada, o que não é assim tão conveniente – eu preferiria ter teclas para acesso imediato a cada entrada

mas também esta não é uma operação que se faça assim com tanta frequência, a não ser que se tenha um amplo conjunto de fontes de vídeo.

Visionamentos

Testar um projector 3D exige ainda necessariamente alguns requisitos prévios, decorrentes não só de a tecnologia 3D em si ser ainda relativamente recente como, e o próximo pressuposto decorre do anterior, de não serem ainda muitos os originais 3D de grande qualidade. Mas tudo isso não são obstáculos de monta que coloquem de lado o prazer de ver uma imagem de qualidade num ecrã com algo como 2,3 metros de diagonal (no caso da nossa sala de testes). Novamente seguindo uma metodologia de aproximação por passos sucessivos, decidi começar pela área que necessariamente seria mais fácil de analisar, ou seja, o funcionamento em 3D. Isto não só porque existem já diversas ferramentas de cali-

bração de ecrã, quer com originais BD quer com originais DVD, como ainda porque, apesar do apelo 3D ser necessariamente a maior motivação para a compra deste projector, não há dúvida de que o seu utilizador irá durante a maior parte do tempo utilizá-lo com filmes 2D.

E, depois de calibrado com o *DVD Essentials*, seguido do *Digital Video Essentials HD*, o VPL-VW90ES mostrou estar perfeitamente à altura dos elevados pergaminhos dos seus congéneres projectores da Sony: a colorimetria era de altíssimo nível, com o céu azul e as ondas do mar da sequência de abertura de *Casino Royale* a manifestarem um equilíbrio quase perfeito entre luminosidade/tons de negro e intensidade relativa das cores, nomeadamente uma excelente combinação de tons de verde e azul. Isto em face não só dos ajustes derivados dos resultados da utilização dos dois discos de teste acima citados, como dos meus ligeiros



ajustes pessoais em torno desses valores, coisa de que nunca prescindo.

Um dos aspectos mais difíceis de se conciliar no funcionamento da íris dinâmica é o equilíbrio entre os níveis correctos de negro e a luminosidade global da imagem. Existe sempre uma tendência para se perderem detalhes nos negros mais intensos, assistindo-se a quase como que um esborratamento, ou então entra-se facilmente na solarização, com chapões de cores intensas mas sem detalhe. Outro aspecto que estava ligado nos primeiros tempos à utilização da íris dinâmica tinha a ver com artefactos que se traduziam como que numa modulação do nível de luminosidade global da imagem que subia e descia de acordo com cada cena, problema este designado *pumping* (bombagem). Este segundo aspecto está hoje em dia corrigido de maneira quase perfeita, graças à utilização de algoritmos

mais avançados no *software* de controlo de abertura da íris; o primeiro, em meu entender, não está ainda resolvido de maneira perfeita, embora no VPL-VW90ES tenhamos alguns dos melhores resultados que me foi dado ver nos projectores da Sony. Aliás, o processamento de vídeo patenteado pela Sony atingiu níveis de qualidade bastante elevados desde que foi desenvolvida a solução *high-end* utilizada no VPL-VW200, a qual foi posteriormente adaptada para todos os projectores que se lhe seguiram.

Seguiu-se, com muito prazer, o visionamento de diversos outros filmes, não só porque são do meu agrado como porque são aqueles de que eu conheço cenas de alguma complexidade em termos de cor e luz, tais como, por exemplo, *Blade Runner*, *The Green Hornet*, *Encontros Imediatos do 3.º Grau*, *Eragon* e, pela novidade e qualidade extrema do argumento, *O*

Mágico, um fabuloso filme animado que trouxe para o ecrã um original inédito de Jacques Tati. O que mais se destaca neste projector é uma quase perfeita fluidez nas imagens, com uma compensação de movimento de altíssimo nível, um atraente jogo de contrastes entre claro e escuro, uma transição quase perfeita entre vídeo e cinema no caso de filmes que misturam as duas técnicas.

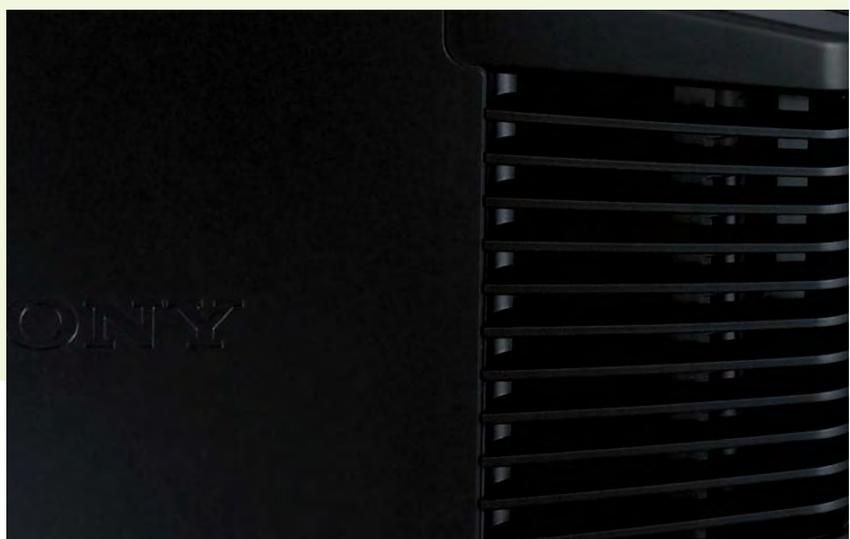
Era, portanto, chegado o momento de passar para os filmes 3D e foi isso que aconteceu, para começar, neste caso novamente com um original que conheço muito bem, *Monsters versus Aliens*. No caso do 3D o excelente processamento de vídeo e o facto de os painéis poderem funcionar a 240 Hz são cruciais para a obtenção da qualidade máxima de imagem em termos de recorte e nitidez e ainda na minimização do *crosstalk*. Claro que estas são situações cuja intensidade de percepção



por parte do espectador depende não só da qualidade o equipamento de visionamento como, fundamentalmente, da qualidade do original. Mas posso dizer que, em termos globais e em face dos originais que tive oportunidade de apreciar e que discriminarei em seguida, o VPL-VW90ES consegue excelentes resultados em termos de resolução de detalhes, número de artefactos e profundidade do efeito 3D. E isto para os filmes que tive oportunidade de ver, para além do acima citado, e que incluíram: *Chovem Almôndegas*, *Avatar* (apenas disponível, em exclusivo, para quem adquira alguns equipamentos da Panasonic), *Alice no País das Maravilhas* e *Depicable Me*. Uma das conclusões principais que tirei e que já estava na minha mente há algum tempo é que os filmes que melhor resultam em 3D são ou filmes de animação ou filmes filmados originalmente em 3D por alguém com grande mestria, e aqui tem que se incluir *Avatar*, uma obra-prima a todos os níveis. Tive oportunidade de o ver no cinema em ante-estreia e, apesar de ter ouvido algumas críticas entretanto, com maior ou menor cabimento, a minha apreciação inicial não mudou: temos aqui uma obra-prima que durante muitos anos será falada sempre que alguém quiser mencionar os primeiros tempos do 3D como proposta comercial séria. Quer em termos de intensidade dos efeitos 3D, principalmente no que tem a ver com a

profundidade, quer em efeitos visuais puros, quer na luxuriante colorimetria, finalmente consegui ver o *Avatar* quase como me recordava desde aquele visionamento inicial. Convém destacar aqui que o leitor de Blu-ray 3D era o Samsung BD-C8900S, uma vez que o Marantz UD9004 que utilizei para a leitura de originais 2D não tem capacidades 3D, embora seja uma máquina espantosa em 2D. Visto de quase todos os ângulos, o VPL-VW90ES demonstrou ser uma excelente promotor do formato 3D, com a única pecha de ser possível detectar uma sensível diminuição luminosidade global da imagem quando se passa de 2D para 3D. Claro que em parte é natural, porque os

óculos cortam uma boa parte da luz do ecrã e, ao mesmo tempo, a luz da lâmpada é rapidamente comutada do olho esquerdo para o direito, e vice-versa, o que reduz imediatamente a luminosidade perceptível. Mas esta diminuição obriga a que, para se poder apreciar imagens 3D com um rendimento luminoso apreciável, a sala esteja completamente escurecida, o que será uma situação normal para diversos videófilos mas não é assim tão consensual como poderá parecer. No entanto, esta não é uma crítica absoluta, apenas uma chamada de atenção para quem levar para casa esta magnífica proposta da escuderia Sony. Aliás, recordo uma experiência de visionamento do VW90 nos estúdios da Solercine, logo em excelentes condições base, e em que as imagens do fundo do mar de *Wild Ocean* eram verdadeiramente asoerbantes do ponto de vista de naturalidade das cores, quer dos peixes e recifes de coral quer da luz emitida a partir do ecrã, o que indubitavelmente demonstra que a menor luminosidade pode ser compensada por uma instalação cuidada e ainda que, como é natural, será mais evidente com alguns originais do que com outros. Por outro lado, a alteração do modo de imagem de Cinema 1 (onde memorizei os meus ajustes de funcionamento) para Standard melhora este aspecto de modo sensível. Uma outra maneira de o fazer desaparecer quase completamente é reduzindo a dimensão da imagem no ecrã, mas essa não me parece tão aceitável. A utilização do *software* ImageDirector3, fornecido com o projector, não altera substancialmente este estado de coisas, por isso não vale a pena utilizá-lo para este fim, embora seja útil para acertos finos na curva de gama.





No que se refere a *crostalk*, não detectei problemas muito sérios, dependendo sempre a intensidade dos efeitos da qualidade do original: no filme *Chovem Almôndegas* pude detectar ocasionalmente uma ou outra situação, no *Avatar* é preciso estar com um verdadeiro «olho clínico» para encontrar algum defeito, o *Alice no País das Maravilhas* funcionou igualmente muito bem.

Faltava apenas verificar outro aspecto do funcionamento do projector da Sony em 3D e que é a qualidade de conversão de 2D para 3D. Para isso usei dois outros filmes em Blu-ray, neste caso *A Liga dos Cavaleiros Extraordinários* e *O Senhor dos Anéis*, Episódio 1. Foi interessante verificar que, embora não consiga, como seria de esperar, resultados ao nível de um original tal como *Avatar* ou *Alice no País das Maravilhas*, a qualidade final obtida foi mesmo muito boa, sem exageros de «coisas a saírem do ecrã» e com bastante controlo em termos de movimento, assegurando-se assim níveis de *crostalk* bastante contidos. Foi possível verificar uma vez mais isso mesmo quando do visionamento de televisão em HD, nomeadamente de excertos de uma partida de Roland Garros entre Nadal e Veic.

Os movimentos dos jogadores eram bastante fluidos e a sensação de 3D muito credível, quase ao nível daquilo que tive oportunidade de ver nas transmissões em directo efectuadas pela Panasonic a partir do complexo de Roland Garros. Tenho a sensação de que muitos dos compradores deste projector vão utilizar esta capacidade por diversas vezes, tal a qualidade dos resultados finais, melhor mesmo que a de alguns filmes em Blu-ray vendidos como sendo 3D.

Fica aqui apenas um comentário final para o ruído de ventilação que, tal como no VPL-VW100, é praticamente inaudível – só depois de desligarmos o som do sistema damos pelo facto de que a ventoinha está a funcionar. Por este lado, portanto, não vejo que alguém se possa queixar.

Conclusão

É preciso gastar algum dinheiro para comprar um projector destes mas quem o fizer será recompensado por uma imagem de primeira água, quer em 2D quer em 3D, embora com a ligeira diminuição de luminosidade que mencionei acima mas que uma boa instalação conseguirá resolver quase por completo. O processamento de vídeo do VPL-VW90ES está ao nível do que de melhor se faz hoje em dia, a reprodução

de cor enche o ecrã de cores vivas e naturais, as capacidades de ajuste existentes nos diversos menus e submenus são quase inesgotáveis. Os engenheiros do departamento de projectores da Sony continuam a demonstrar uma mestria notável e a empresa só faz bem em continuar a dar-lhes todas as possibilidades de demonstrarem o seu talento. Quem gosta de 3D tem aqui uma proposta a que será difícil resistir e que, mesmo em 2D, pede meças a muitos dos projectores convencionais da sua gama de preços.

Preço: 8.000 euros

Representante: Sony Europe Limited, Sucursal em Portugal

Telefone:

Web: www.sony.pt

